

SEMINÁRIOS NO ENSINO DE FILOSOFIA: é possível a adoção desse método no nível médio?

Morgana Almeida FERREIRA; Carmelita Brito de Freitas FELÍCIO

Faculdade de Filosofia – Universidade Federal de Goiás

af.morgana@gmail.com; carmelaf@terra.com.br

Palavras-chave: ensino de filosofia; metodologia; seminário; formação.

Justificativa/ Base teórica

Este trabalho tem como tema central o uso de seminários no ensino de Filosofia do Ensino Médio. Historicamente, o “seminário” nasceu na Alemanha, no interior da universidade, em fins do século XVII, tendo se consolidado no século XIX. Inicialmente eram adotados no campo da filosofia, das matérias clássicas, e posteriormente foram usados no aprendizado da investigação científica (MOREIRA, 1997, p. 87).

Com os seminários, o cientista deixou de ser visto como um ser estranho e isolado do mundo. Começou-se a fazer grupos para a realização do processo de conhecimento e a diversidade de pontos de vista passou a ser encarada como elemento enriquecedor (CARVALHO, 1989, p. 129).

Vários elementos relativos à estrutura escolar dificultam o uso seminários no Ensino Médio. Segundo o livro “Perspectiva histórica e situação atual de ensino socializado” de Lúcia Regina Goulart Vilarinho (1979, p. 71), algumas situações que constituem barreiras reais para a aplicação de trabalhos em grupo são:

- a) organização inadequada de currículos e programas; b) falta de tempo para preparar o trabalho em grupo, caindo-se na terrível improvisação;
- c) falta de conhecimento por parte do professor da teoria de DG (Dinâmica de Grupo) e da prática (técnicas); d) número excessivo de alunos na sala de aula; e) falta de recursos materiais (didáticos); f) falta de tempo para a aplicação das técnicas.

A maioria das aulas de filosofia no Ensino Médio tem a duração de quarenta e cinco minutos (45’) Seria preciso várias aulas para que ocorresse todo o processo da apresentação de um seminário, desde a leitura e pesquisa de textos por parte

dos alunos, até a avaliação final feita pelo professor.

Além dos problemas da estrutura do ensino, existem outros problemas que são expostos pelo filósofo Theodor W. Adorno. Paula de Oliveira uma comentadora do filósofo diz que,

Numa sociedade que estimula o pensamento estereotipado e que segue a lógica instrumental, não há espaço para a criação. Naturalmente, temos um contexto altamente complexo para a prática da filosofia em salas de aula, mas partimos do princípio de que a filosofia pode cooperar para um alargamento da expressão e construir uma auto reflexão crítica do mundo (OLIVEIRA, 2009, p. 43).

Objetivos

Esta investigação tem como objetivo geral verificar as condições de viabilidade do uso do método de seminário no ensino de Filosofia no nível médio. Os objetivos específicos de nossa pesquisa são: compreender o significado do uso e como se aplica o método de seminário em sala de aula; verificar como os docentes no Ensino Médio fazem uso desse método em sala de aula; levantar a opinião dos professores sobre o uso do método de seminários em sala de aula.

Metodologia

As atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do 1º semestre do ano de 2011 ocorreram no Colégio Estadual Pré-universitário. A disciplina optativa “Filosofia geral e da educação” foi ministrada pelos bolsistas juntamente com o professor supervisor, Prof. Luiz Rodrigues Botelho e a coordenadora do projeto Prof^a Ms Carmelita Brito de Freitas Felício.

Para a pesquisa sobre seminários foi feita a observação do modo como esse método foi recebido pelos alunos e a observação das dificuldades e dos limites para a utilização desse método. A modalidade de seminário escolhida foi a *disputatio*. O tema foi escolhido pelos alunos através de uma enquete, e a turma foi dividida em dois grupos para receber orientação.

Resultados/Discussão

O tema escolhido pelos alunos para ser o fio condutor das aulas ministradas na disciplina optativa foi o aborto. Primeiramente, era uma questão: “*Aborto: um crime ou um direito?*”. Através da divisão da turma, um grupo defenderia que o aborto é um crime e o outro defenderia que o aborto é um direito. Houve muitas dificuldades para que a *disputatio* fosse realizada. Os alunos do Colégio Estadual Pré-universitário que se inscreveram na disciplina optativa não participavam ativamente das aulas, e quando participavam faziam comentários baseados em opiniões. Os textos filosóficos sugeridos pelos orientadores não eram lidos, o que aumentava a dificuldade de transpor o nível das opiniões.

Quando se partiu para a escolha dos filmes a serem projetados para os alunos, havia o problema com as imagens. Não era possível exibir um filme com imagens de fetos abortados, pois isso causaria espanto e não era o que queríamos. A intenção da *disputatio* era realizar uma discussão entre os alunos em um nível filosófico sem apelos emocionais.

Diante dessas dificuldades, resolvemos promover uma conferência com o título: “*Aspectos éticos-filosóficos dos argumentos a favor e contrários ao aborto*” tendo como conferencista o Professor Doutor Leonardo Ferreira Almada da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás. A conferência ocorreu no auditório da área II da PUC-Goiás tendo presentes não somente os alunos inscritos na disciplina optativa, mas também alunos de outras turmas do Colégio Estadual Pré-universitário.

Após a conferência foi feito um debate com os alunos. Eles apresentaram diversas opiniões. Dos inscritos na disciplina optativa, somente uma aluna se manifestou e relacionou o tema com o que havia aprendido durante as aulas ministradas pelos bolsistas.

Conclusões

A impossibilidade para se realizar a *disputatio*, deve-se ao “empobrecimento da linguagem e da expressão” (ADORNO, 2000, p. 146). Adorno e Becker, seu companheiro de debates radiofônicos, disseram que a conscientização juntamente com a promoção da espontaneidade são processos que deveriam iniciar na

“primeira educação infantil” (OLIVEIRA, 2009, p. 44)

Não é isso que vemos em nossas escolas públicas. Quando se chega ao Ensino Médio, além da dificuldade para se expressar, o aluno possui também dificuldades com a leitura e com a interpretação de textos. A TV e a internet, utilizados diariamente pelos jovens, passam informações muito rápidas, curtas e sem conteúdo crítico, o que não ajuda na conscientização da realidade. Músicas com a mesma frase repetidas por várias vezes e sem conteúdo formativo são ouvidas pelos jovens em vários lugares, inclusive dentro da escola.

Formas alternativas de ensino como o seminário, nos permitiria fazer um boa avaliação do aluno. Para isso devemos utilizar corretamente todas as técnicas, desde a leitura e pesquisa de textos por parte dos alunos, até a avaliação final feita pelo professor. Ainda que para isso seja preciso mais de uma aula de quarenta e cinco minutos.

No Colégio Estadual Pré-universitário, não foi possível a realização da *disputatio*, porém, foi através de toda a preparação para que ela ocorresse, que percebemos quais eram as dificuldades dos alunos. É preciso que em nosso ensino façamos mais do que transmitir os conteúdos aos alunos, e esperar que eles nos ‘devolvam’ (OLIVEIRA, 2009, p. 49).

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Educação – para quê?. Rio de J CARVALHO, Maria Cecília (org.). Construindo o saber – *Metodologia científica; Fundamentos e técnicas*. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

aneiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1995.

MOREIRA, Daniel Augusto. *Didática do ensino superior: Técnicas e tendências*. Editora Pioneira. São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, Paulo Ramos de. Filosofia e expressão. In: CEPPAS, Filipe; OLIVEIRA, Paulo R. de; SARDI, Sérgio A. *Ensino de filosofia - formação e emancipação*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. *Didática: Temas selecionados*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

Fonte de financiamento: CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID